ISSN: 2358-8829

A IRONIA COMO ESTRATÉGIA DE VIOLÊNCIA DISCURSIVA: HUMOR, DEBOCHE E AGRESSÃO SIMBÓLICA NAS INTERAÇÕES EM REDES SOCIAIS

Gleybson Kleber de Barros Luz[1]
Alicia Beatriz Nascimento Lins[2]
Otavia Pinheiro Pedrosa Fernandes[3]

INTRODUÇÃO

A expansão das redes sociais digitais modificou significativamente as condições de produção, circulação e recepção dos discursos na contemporaneidade. Os ambientes digitais passaram a constituir espaços de intensa disputa por sentidos, nos quais diferentes posicionamentos ideológicos entram em confronto, negociam legitimidades e disputam formas de representação da realidade social. Nesse cenário, os comentários publicados em postagens, vídeos e publicações jornalísticas não representam apenas manifestações individuais de opinião: constituem enunciados socialmente situados, atravessados por valores, discursos anteriores e relações de poder.

Entre as diferentes estratégias discursivas mobilizadas nessas interações, a ironia ocupa uma posição particularmente relevante. Frequentemente associada ao humor, à inteligência argumentativa e à capacidade de produzir efeitos de comicidade, ela também pode funcionar como mecanismo de desqualificação do outro. Em determinadas circunstâncias, o enunciador não precisa recorrer a insultos explícitos para produzir uma agressão: basta organizar seu enunciado de modo que o interlocutor, suas características, suas crenças ou seu posicionamento sejam apresentados como objetos de ridicularização.

A hipótese que orienta esta discussão é a de que a ironia pode adquirir uma dimensão violentadora quando mobilizada para desautorizar determinadas existências, deslegitimar posicionamentos e reafirmar hierarquias sociais. Nesses casos, o humor

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, gleybson.luz@ufpe.br;
[2]Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE., alicia.lins@ufpe.br;
[3]Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, otavia.ppedrosa@ufpe.br.

ISSN: 2358-8829

funciona como uma espécie de mecanismo de proteção discursiva: ao apresentar a agressão sob a forma de brincadeira, o enunciador pode deslocar a responsabilidade pelo efeito produzido e atribuir ao sujeito atingido a incapacidade de compreender o humor ou de aceitar uma provocação.

A relevância dessa discussão está, portanto, na necessidade de problematizar a naturalização de determinadas práticas de hostilidade no ambiente digital. Nem toda manifestação irônica constitui violência, assim como nem todo enunciado humorístico produz necessariamente efeitos de exclusão. O interesse investigativo reside justamente na identificação das condições em que a ironia participa de relações assimétricas de poder e contribui para a reprodução de formas simbólicas de inferiorização.

Para desenvolver essa problemática, o artigo estabelece um diálogo entre a perspectiva dialógica da linguagem, as formulações de Pierre Bourdieu (1989) sobre a violência simbólica e as reflexões de Judith Butler (1917) sobre a dimensão performativa e injuriosa dos atos de fala. Essa articulação permite compreender a ironia não como uma estrutura isolada, mas como uma prática discursiva que participa da constituição dos sujeitos e das relações sociais.

O objetivo geral consiste em analisar a ironia como possível estratégia de violência discursiva em comentários de redes sociais, considerando os efeitos de sentido produzidos pelo humor, pelo deboche e pelo sarcasmo em contextos de conflito. Especificamente, busca-se compreender a constituição dialógica dos enunciados irônicos; discutir as relações entre humor, poder simbólico e desqualificação social; e estabelecer categorias de análise capazes de identificar como determinadas construções discursivas naturalizam práticas de hostilidade.

METODOLOGIA

A investigação proposta caracteriza-se como uma pesquisa qualitativo-interpretativista, de natureza documental, orientada pelos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso. Essa escolha fundamenta-se na compreensão de que os comentários publicados em redes sociais constituem enunciados concretos, produzidos em condições específicas de interação e atravessados por posicionamentos valorativos.

O corpus é constituído por 2 comentários publicados em postagens da plataforma “reddit” que apresentem situações de conflito discursivo, especialmente aquelas relacionadas a disputas ideológicas e controvérsias sociais. A seleção deverá

ISSN: 2358-8829

considerar a presença de manifestações que mobilizem ironia, sarcasmo, deboche ou outras estratégias humorísticas para responder a sujeitos ou grupos.

A análise não deverá partir da premissa de que todo comentário irônico é violento. Ao contrário, deverá investigar em que condições a ironia produz efeitos de desqualificação e como esses efeitos se relacionam com os posicionamentos ideológicos e as relações de poder presentes na interação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A IRONIA PARA ALÉM DO RECURSO ESTILÍSTICO: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA

Uma abordagem discursiva da ironia exige reconhecer que os sentidos não se encontram integralmente inscritos na materialidade linguística, tampouco resultam exclusivamente das intenções individuais de quem enuncia. Na perspectiva de Bakhtin (2011), o enunciado constitui uma unidade concreta da comunicação discursiva, cuja existência está relacionada às condições de interação entre sujeitos. Todo enunciado responde, de alguma maneira, a outros enunciados e projeta respostas possíveis, participando de uma cadeia ininterrupta de comunicação.

Essa concepção permite deslocar a ironia de uma dimensão exclusivamente retórica para uma compreensão fundamentada nas relações dialógicas. O enunciado irônico não se constitui isoladamente: ele mobiliza discursos anteriores, recupera vozes sociais e estabelece relações valorativas com aquilo que retoma. Sua interpretação depende, portanto, da identificação das posições discursivas colocadas em confronto.

Em Ironia em perspectiva polifônica, Brait (2008) oferece uma contribuição fundamental para essa compreensão ao investigar a ironia como fenômeno discursivo capaz de articular diferentes vozes e produzir efeitos de sentido que ultrapassam a superfície linguística. A autora permite compreender que a ironia não se limita à presença de uma afirmação cujo significado seria simplesmente o contrário daquele expresso. Trata-se de um procedimento discursivo complexo, cuja constituição envolve relações entre discursos, contextos e posições enunciativas.

Nessa direção, a ironia pode ser compreendida como uma forma de instaurar uma distância valorativa entre aquilo que é enunciado e a posição assumida pelo sujeito que enuncia. O enunciador convoca determinada voz, perspectiva ou representação

ISSN: 2358-8829

social, mas não necessariamente para confirmá-la. Pode fazê-lo para expô-la ao ridículo, questioná-la ou deslegitimá-la.

Entretanto, é necessário considerar que essa distância não possui um funcionamento socialmente neutro. O efeito produzido por um enunciado irônico depende, entre outros fatores, de quem ironiza, de quem é constituído como objeto da ironia e das relações de poder que atravessam a interação. Uma manifestação aparentemente humorística pode produzir efeitos de crítica social quando direcionada a uma estrutura de dominação, mas também pode reproduzir a própria dominação quando transforma sujeitos socialmente vulnerabilizados em objetos de escárnio.

Essa distinção é decisiva para a presente investigação. O problema não reside na ironia em si, mas nos modos como ela é mobilizada nas relações discursivas. Seu funcionamento pode assumir uma dimensão crítica, questionadora e contestatória ou, inversamente, constituir um mecanismo de inferiorização e silenciamento.

A partir de Bakhtin (2011), também é possível compreender que a responsividade constitui uma dimensão inerente ao enunciado. Todo dizer se orienta em relação a outros dizeres e apresenta uma posição diante deles. Assim, o comentário irônico publicado em uma rede social não representa uma manifestação desvinculada de seu contexto: responde a uma postagem, a um posicionamento, a uma identidade discursivamente construída ou a uma determinada representação de mundo.

A questão central passa a ser, então, investigar que tipo de relação responsiva se estabelece por meio da ironia. Em algumas situações, o enunciado irônico confronta uma ideia, evidencia uma contradição ou questiona uma posição de autoridade. Em outras, desloca o foco da discussão para a desqualificação daquele que enuncia, substituindo o enfrentamento argumentativo pela exposição do interlocutor ao ridículo.

É nesse deslocamento que se encontra uma das possibilidades de funcionamento da ironia como violência discursiva: em vez de discutir o conteúdo de um posicionamento, o enunciador constrói discursivamente a inferioridade de quem o sustenta.

O RISO COMO MECANISMO DE PODER: IRONIA E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A compreensão da ironia como estratégia de violência discursiva exige discutir as relações entre linguagem e poder. Nesse sentido, as contribuições de Pierre Bourdieu

ISSN: 2358-8829

(1989) permitem compreender que as relações sociais não se organizam apenas por meio de mecanismos materiais e coercitivos. Existem formas de dominação que se estabelecem simbolicamente, por meio da produção e da legitimação de classificações, representações e hierarquias sociais.

A noção de poder simbólico desenvolvida pelo autor é particularmente produtiva para pensar as interações digitais, pois permite observar como determinadas representações adquirem legitimidade e passam a ser reconhecidas como naturais. A violência simbólica não depende necessariamente de uma imposição física ou de uma manifestação explicitamente agressiva. Seu funcionamento está relacionado à capacidade de fazer reconhecer determinadas formas de percepção e classificação do mundo como legítimas.

Transportada para a discussão sobre a ironia, essa compreensão permite observar como o humor pode participar da reprodução de relações de dominação. Quando um comentário transforma determinado sujeito em objeto de riso por sua aparência, condição social, identidade, posicionamento político ou pertencimento a determinado grupo, não está necessariamente produzindo apenas comicidade. Pode estar reafirmando uma hierarquia na qual algumas posições são reconhecidas como legítimas, enquanto outras são apresentadas como inferiores, inadequadas ou ridículas.

A violência, nesse caso, não se encontra apenas na escolha de palavras ofensivas. Pode manifestar-se na própria organização do enunciado, na construção de uma imagem depreciativa do interlocutor e na mobilização de valores socialmente compartilhados que autorizam sua desqualificação.

Um aspecto particularmente importante desse processo é a possibilidade de naturalização da agressão. A justificativa de que determinada manifestação constitui apenas uma brincadeira pode funcionar como estratégia de legitimação da violência. O enunciador desloca a discussão do efeito produzido para a suposta intenção humorística, como se a classificação de um enunciado como piada fosse suficiente para neutralizar suas implicações sociais.

Entretanto, a ausência de uma intenção declaradamente agressiva não elimina a possibilidade de produção de efeitos violentos. É necessário considerar que os sentidos são constituídos na relação entre os sujeitos e que a interpretação de um enunciado não está inteiramente sob o controle de quem o produz.

ISSN: 2358-8829

Nesse contexto, o riso também precisa ser compreendido como uma prática social. Rir de alguém não equivale necessariamente a rir com alguém. A distinção é relevante porque, em determinadas interações, o humor estabelece uma divisão entre aqueles que participam da produção coletiva do riso e aquele que é transformado em seu objeto.

A violência discursiva pode se intensificar quando o riso deixa de funcionar como forma de compartilhamento e passa a constituir um mecanismo de exposição pública. O sujeito atingido não é apenas contestado: é colocado em uma posição discursiva de inferioridade diante de uma audiência que pode validar, reproduzir e ampliar a agressão por meio de curtidas, compartilhamentos e respostas.

A partir dessa perspectiva, a violência simbólica associada à ironia pode ser investigada em três dimensões articuladas: a construção discursiva do sujeito como objeto de ridicularização; a mobilização de valores sociais que legitimam essa ridicularização; e a participação dos interlocutores na reprodução ou contestação dos sentidos produzidos.

É importante destacar, contudo, que a aplicação do conceito de violência simbólica às interações digitais não deve ocorrer de maneira automática. Nem toda ironia depreciativa corresponde, necessariamente, a uma relação de dominação simbolicamente legitimada. A análise precisa demonstrar como o enunciado se articula a classificações sociais, assimetrias de poder e mecanismos de reconhecimento que tornam determinada agressão socialmente inteligível ou aceitável.

REDES SOCIAIS E A NATURALIZAÇÃO DA HOSTILIDADE: O HUMOR COMO DISPOSITIVO DE LEGITIMAÇÃO

As redes sociais digitais constituem espaços nos quais a circulação dos discursos está associada a diferentes formas de participação, visibilidade e reconhecimento. A interação não se limita à relação entre quem publica e quem comenta: envolve também uma audiência potencialmente ampla, cujas respostas podem ampliar a circulação de determinados posicionamentos.

Nesse ambiente, o humor adquire uma função particular. Comentários irônicos frequentemente apresentam elevado potencial de engajamento, uma vez que sintetizam posicionamentos em construções breves, provocativas e facilmente compartilháveis. A concisão, a ambiguidade e a capacidade de produzir identificação entre os participantes

ISSN: 2358-8829

favorecem a circulação de enunciados que podem condensar conflitos sociais em fórmulas humorísticas.

É nesse cenário que a ironia pode contribuir para a naturalização da hostilidade. Quando um comentário depreciativo recebe aprovação coletiva, sua dimensão agressiva pode ser obscurecida pela interpretação de que se trata de uma manifestação espirituosa. O riso compartilhado estabelece uma espécie de autorização social, na qual a agressão deixa de ser percebida como problema e passa a ser valorizada como demonstração de inteligência, criatividade ou superioridade argumentativa. Essa dinâmica também pode ser observada na cultura do meme. Embora os memes não sejam necessariamente violentos e possam constituir formas relevantes de crítica política e participação social, sua estrutura de reprodução permite que representações depreciativas sejam reiteradas e adaptadas a diferentes situações.

A repetição de determinado formato humorístico pode contribuir para estabilizar associações entre grupos sociais e características negativas. Quando uma identidade é sistematicamente relacionada à ignorância, à incapacidade, à inferioridade ou ao ridículo, o humor deixa de ser apenas uma manifestação circunstancial e passa a participar da construção de representações sociais depreciativas.

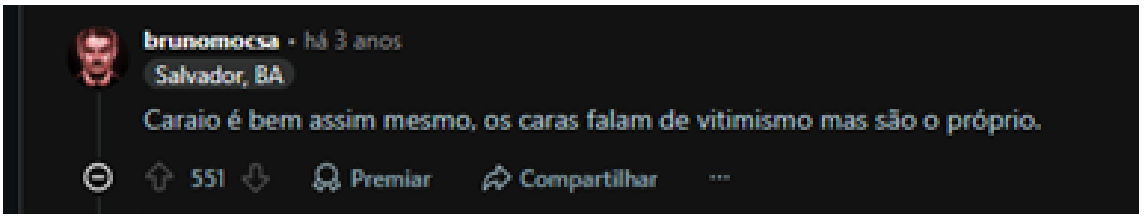
Além disso, a possibilidade de anonimato ou de distanciamento proporcionada por determinadas plataformas pode favorecer interações nas quais os sujeitos se sentem menos responsabilizados pelas consequências de seus enunciados. Essa condição não deve ser compreendida como causa automática da violência, mas como elemento que pode modificar as formas de participação e responsabilização nas interações digitais. Outro aspecto relevante é a transformação do interlocutor em personagem. Em determinados comentários, o sujeito deixa de ser reconhecido como participante de uma interação e passa a ser construído como uma figura caricatural, cuja função discursiva consiste em provocar o riso dos demais participantes.

A caricaturização reduz a complexidade do sujeito a uma característica considerada ridícula. Em vez de responder ao que ele efetivamente diz, o comentário constrói uma representação simplificada que pode ser facilmente atacada. A ironia, nesse caso, participa de um processo de despersonalização discursiva: o outro deixa de ser reconhecido pela pluralidade de suas posições e passa a ser identificado por uma imagem depreciativa.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro comentário selecionado apresenta uma construção discursiva particularmente produtiva para a investigação da ironia nas interações digitais. Embora breve, o enunciado mobiliza uma operação argumentativa que ultrapassa a manifestação de concordância com um posicionamento anterior. Ao afirmar que determinados sujeitos "falam de vitimismo mas são o próprio", o comentarista estabelece uma relação de contradição entre o discurso atribuído aos sujeitos criticados e a maneira como eles próprios se posicionariam diante das críticas recebidas.



Fonte: reddit.com

A construção do enunciado organiza-se em torno de uma inversão valorativa. A expressão "falam de vitimismo" recupera uma classificação frequentemente mobilizada em disputas ideológicas nas redes sociais, sobretudo em discussões nas quais reivindicações por reconhecimento, denúncias de discriminação e questionamentos de práticas preconceituosas são interpretados como manifestações de sensibilidade excessiva. Nesse funcionamento, o termo "vitimismo" deixa de constituir uma simples descrição de comportamento e passa a operar como categoria de desqualificação: aquele que questiona determinada manifestação é representado como alguém que não consegue lidar adequadamente com críticas ou provocações.

O aspecto significativo do comentário está na apropriação dessa classificação e em seu direcionamento aos próprios sujeitos que a mobilizam. A expressão "mas são o próprio" produz uma inversão do lugar discursivo: aqueles que acusam os outros de vitimização são apresentados como responsáveis pelo comportamento que criticam. O efeito irônico decorre, portanto, da exposição de uma suposta incoerência entre o discurso defendido e a posição assumida por seus próprios enunciadores.

Essa operação pode ser compreendida a partir da concepção bakhtiniana de enunciado. Para Bakhtin (2011), a palavra está sempre orientada em relação a outras

ISSN: 2358-8829

palavras, incorporando posições, avaliações e discursos socialmente produzidos. Nesse sentido, o comentário analisado não se constitui como uma manifestação isolada, mas como uma resposta a uma cadeia de enunciados anteriores que organiza a discussão sobre os limites do humor e a legitimidade das críticas dirigidas aos humoristas.

A expressão "vitimismo" funciona, nesse contexto, como um elemento de memória discursiva: sua utilização pressupõe a existência de um debate anterior no qual determinadas manifestações de indignação são classificadas como exageradas ou injustificadas. Ao retomar essa expressão, o comentarista não apenas reproduz um vocabulário já disponível na interação social, mas o reorganiza segundo uma orientação valorativa distinta. A palavra é deslocada de sua função inicial de desqualificação de quem critica o humor e passa a ser utilizada para questionar a coerência daqueles que sustentam esse discurso.

A contribuição de Beth Brait (2008) permite aprofundar essa interpretação. Ao abordar a ironia em perspectiva polifônica, a autora evidencia que sua construção envolve relações entre diferentes vozes e posicionamentos discursivos. No comentário em questão, a ironia se estabelece justamente pela presença de uma voz social retomada e reorientada pelo sujeito que enuncia. A palavra "vitimismo" não é empregada de maneira neutra: ela recupera um discurso socialmente reconhecível, mas o coloca em funcionamento contra aqueles que originalmente poderiam utilizá-lo.

Há, portanto, uma espécie de deslocamento enunciativo. O comentarista apropria-se de uma categoria frequentemente empregada para desautorizar manifestações de contestação e a transforma em instrumento de crítica aos sujeitos que a reproduzem. O efeito produzido não está simplesmente na oposição entre o sentido literal e o sentido pretendido, mas na reorganização de uma voz social em uma nova situação discursiva.

Essa operação também permite discutir a dimensão responsiva do enunciado. O comentário apresenta uma resposta avaliativa ao posicionamento de outros participantes, mas não se limita a discordar de seu conteúdo. Ele procura evidenciar uma contradição na maneira como esses sujeitos se relacionam com as críticas. A responsividade manifesta-se, assim, por meio de uma contestação que coloca em questão a legitimidade do discurso alheio.

Entretanto, o aspecto mais relevante para esta investigação consiste em observar como a ironia participa da construção discursiva do outro. Ao afirmar que os sujeitos

ISSN: 2358-8829

criticados são aquilo que atribuem aos demais, o comentarista produz uma imagem de incoerência e fragilidade argumentativa. A desqualificação não ocorre por meio de um insulto diretamente direcionado à identidade do interlocutor, mas pela construção de uma contradição que compromete sua credibilidade diante dos demais participantes.

Essa característica permite estabelecer uma distinção entre agressão explícita e deslegitimação discursiva. O enunciado não apresenta uma ofensa direta, mas mobiliza um procedimento irônico para reduzir a autoridade argumentativa daqueles a quem se dirige. Seu funcionamento está relacionado à exposição pública de uma suposta inconsistência, convertendo o posicionamento do outro em objeto de ridicularização.

A discussão de Bourdieu (1989) oferece elementos para compreender como essas classificações participam de disputas pela legitimidade simbólica. O poder de nomear, classificar e atribuir determinadas características aos sujeitos constitui uma dimensão importante das relações sociais. Quando a expressão "vitimismo" é mobilizada, ela não apenas descreve uma postura: pode estabelecer uma classificação que desautoriza determinadas formas de reivindicação e contestação. No comentário analisado, essa classificação é invertida, demonstrando que a própria nomeação constitui um espaço de disputa.

É necessário, contudo, estabelecer uma ressalva analítica. A presença de desqualificação irônica não permite afirmar, isoladamente, que o comentário constitui uma manifestação de violência simbólica. O alvo imediato da crítica parece ser uma postura discursiva, e não necessariamente uma identidade social vulnerabilizada. Desse modo, o excerto evidencia prioritariamente o funcionamento da ironia como estratégia de deslegitimação, permitindo investigar sua relação com a violência discursiva sem estabelecer uma equivalência automática entre ironia e agressão.

Essa distinção é importante porque impede que a análise se transforme em uma classificação moral dos enunciados. O interesse não consiste em considerar toda manifestação de deboche como violenta, mas em compreender quais relações são estabelecidas por meio dela e em que circunstâncias a ridicularização participa de processos de inferiorização.

O comentário permite identificar, assim, uma primeira dimensão da problemática investigada: a ironia pode funcionar como instrumento de contestação de discursos socialmente legitimados, mas também pode instaurar relações de desqualificação entre os participantes. Sua potência discursiva reside justamente na capacidade de mobilizar

palavras e classificações já reconhecidas socialmente, reorganizando-as para produzir novos efeitos de sentido.

O segundo comentário apresenta uma construção discursiva relevante para compreender como as próprias fronteiras entre humor e violência se tornam objeto de disputa nas interações digitais. Diferentemente do primeiro excerto, no qual a ironia se estabelece principalmente pela inversão de uma classificação social, neste enunciado observa-se um movimento de questionamento da legitimidade de determinadas manifestações enquanto produções humorísticas.



Fonte: reddit.com

A formulação inicial — "Pra ser humor negro, tem que ser humor pra começo de conversa" — apresenta uma estrutura aparentemente tautológica. A repetição do termo "humor" poderia sugerir uma afirmação evidente, uma vez que o próprio sintagma "humor negro" já pressupõe sua vinculação ao campo humorístico. Entretanto, a repetição não desempenha uma função meramente explicativa. Ela estabelece uma condição argumentativa: antes de classificar determinada manifestação como humor negro, seria necessário reconhecer que ela efetivamente constitui humor.

O enunciado produz, assim, um deslocamento no debate. Em vez de discutir se o humor negro deve ou não possuir limites, o comentarista questiona se as manifestações em discussão podem sequer ser reconhecidas como humorísticas. A estratégia consiste em retirar do objeto criticado uma classificação que, no contexto da interação, parece funcionar como justificativa para sua legitimidade.

A expressão "pra começo de conversa" reforça esse movimento. Trata-se de uma construção coloquial que introduz uma espécie de condição preliminar para a discussão. O comentarista sugere que o debate sobre os limites do humor estaria sendo formulado de maneira inadequada, pois pressuporia como humorísticas manifestações que, segundo sua avaliação, não satisfazem sequer essa condição inicial.

ISSN: 2358-8829

O funcionamento argumentativo da frase reside, portanto, na desestabilização de uma premissa. Se o debate parte da ideia de que determinadas manifestações são piadas, a resposta questiona justamente essa classificação. A disputa deixa de estar restrita ao que pode ser dito em nome do humor e passa a envolver quem possui legitimidade para definir uma manifestação como humorística.

A escolha das aspas em "piadas" constitui outro elemento fundamental para a interpretação. No contexto do enunciado, as aspas não parecem desempenhar apenas uma função de destaque ou reprodução de uma expressão alheia. Elas produzem um efeito de distanciamento valorativo: o comentarista utiliza o termo, mas não assume integralmente a classificação que ele representa. Ao marcar graficamente a palavra, coloca em suspensão sua legitimidade e sinaliza que não reconhece as manifestações mencionadas como piadas propriamente ditas.

A observação permite estabelecer uma aproximação com as discussões de Beth Brait (2008) sobre a constituição polifônica da ironia. O emprego das aspas pode indicar a presença de uma voz alheia incorporada ao enunciado, cuja validade é colocada em questão pelo sujeito que enuncia. Nesse caso, a palavra "piadas" recupera uma denominação atribuída às manifestações do comediante, mas é apresentada sob uma orientação valorativa que evidencia o desacordo do comentarista.

O enunciado estabelece, assim, uma relação entre duas posições discursivas: de um lado, aquela que reconhece determinadas manifestações como humor e as defende sob a justificativa da liberdade de expressão; de outro, aquela que questiona essa classificação e identifica nessas manifestações a reprodução de discursos preconceituosos.

A partir da perspectiva dialógica de Bakhtin (2011), essa oposição não deve ser compreendida como simples divergência de opiniões individuais. Trata-se de uma disputa entre diferentes orientações valorativas que atribuem sentidos distintos ao mesmo objeto discursivo. Para um posicionamento, a classificação como humor constitui elemento central para defender a legitimidade da manifestação; para o outro, essa classificação é precisamente aquilo que precisa ser questionado.

Nesse sentido, a afirmação "As 'piadas' dele são só preconceito mesmo" constitui o núcleo avaliativo do comentário. A expressão "só preconceito" estabelece uma oposição entre duas possibilidades de interpretação: aquilo que é apresentado como

ISSN: 2358-8829

humorístico pelo sujeito criticado e aquilo que o comentarista identifica como seu funcionamento predominante.

A escolha do advérbio "só" intensifica a avaliação, pois restringe a interpretação do material à presença do preconceito, afastando a possibilidade de reconhecer nele uma construção humorística legítima. O enunciador não está simplesmente afirmando que determinadas piadas apresentam conteúdos preconceituosos; está questionando a própria operação discursiva que transforma esses conteúdos em matéria humorística.

Essa diferença é relevante para a investigação. A crítica não se dirige apenas ao conteúdo temático das manifestações, mas ao procedimento de legitimação que as acompanha. Em outras palavras, o comentário questiona a utilização do humor como categoria capaz de neutralizar os efeitos de determinadas formas de representação social.

É nesse ponto que as contribuições de Pierre Bourdieu (1989) permitem ampliar a interpretação. A classificação de uma manifestação como humorística pode participar de uma disputa pela legitimidade simbólica, uma vez que nomear determinada prática significa também orientar as formas pelas quais ela será socialmente reconhecida. Quando o enunciador questiona a denominação "piada", está disputando os critérios de reconhecimento daquele discurso e recusando a naturalização de seus possíveis efeitos discriminatórios.

A questão torna-se ainda mais significativa quando relacionada à violência simbólica. Se determinadas características de sujeitos ou grupos são reiteradamente mobilizadas como matéria de ridicularização, o humor pode contribuir para a reprodução de classificações sociais que estabelecem posições desiguais de reconhecimento. Nesse caso, a comicidade não deve ser examinada apenas a partir de sua capacidade de provocar riso, mas também em relação aos valores e às representações que sustenta.

A aproximação com Judith Butler (1997) permite aprofundar essa dimensão. Em suas reflexões sobre a linguagem injuriosa, a autora demonstra que os efeitos da linguagem não se restringem à intenção declarada de quem enuncia. Determinadas formas de expressão podem adquirir força social por sua vinculação a convenções e discursos historicamente reiterados. Dessa maneira, a apresentação de um enunciado como brincadeira não é suficiente para eliminar seus possíveis efeitos de subordinação e desqualificação.

ISSN: 2358-8829

O comentário analisado pode ser compreendido como uma contestação desse mecanismo de legitimação. Ao afirmar que as manifestações são "só preconceito", o sujeito recusa a ideia de que a classificação como humor seja suficiente para afastar a necessidade de discutir suas implicações sociais. O enunciado desloca, portanto, a discussão da intenção humorística para os efeitos e os valores que podem ser reproduzidos pela manifestação.

Há, nesse movimento, uma dimensão ética importante. A crítica pressupõe que a produção humorística não está desvinculada das relações sociais e que o reconhecimento de uma manifestação como piada não deve impedir a problematização de suas formas de representação. O comentário reivindica, assim, a possibilidade de avaliar discursivamente o humor, em vez de aceitar sua classificação como justificativa definitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida permite compreender que a ironia, quando examinada sob uma perspectiva discursiva, não pode ser reduzida a um procedimento estilístico responsável pela produção de efeitos de comicidade. Sua constituição envolve relações entre vozes sociais, posicionamentos valorativos e condições históricas de produção e circulação dos enunciados.

A articulação entre Bakhtin (2011), Brait (2008), Bourdieu (1989) e Butler (1997) oferece subsídios para compreender como o humor pode participar de práticas de desqualificação e exclusão. Enquanto a perspectiva dialógica evidencia a natureza responsiva e valorativa dos enunciados, a noção de violência simbólica permite investigar a reprodução de hierarquias sociais, e a abordagem performativa da linguagem contribui para compreender os efeitos injuriosos que determinados discursos podem produzir.

Nesse contexto, o deboche e o sarcasmo podem funcionar como estratégias de agressão indireta, sobretudo quando a ridicularização de sujeitos e grupos é legitimada pela justificativa de que se trata apenas de uma brincadeira. A aparente leveza do humor pode, assim, ocultar práticas discursivas que inferiorizam, desautorizam e restringem as possibilidades de reconhecimento do outro.

Entretanto, é fundamental reiterar que a ironia não constitui, em si mesma, uma manifestação de violência. Sua interpretação exige considerar os sujeitos envolvidos, os

discursos mobilizados, as relações de poder e os efeitos produzidos nas interações. O mesmo procedimento pode operar como instrumento de crítica e resistência ou como mecanismo de reprodução da dominação.

A investigação empírica dos comentários selecionados deverá aprofundar essas discussões, examinando como a ironia participa da construção de representações sociais e da negociação de posições de poder nas redes. Mais do que identificar quem ri ou quem é ridicularizado, interessa compreender quais discursos autorizam o riso, quais sujeitos são transformados em seus alvos e que formas de desigualdade são reiteradas por meio dessa prática.

Em última instância, problematizar a ironia como estratégia de violência discursiva significa reconhecer que o riso também constitui uma posição diante do mundo e do outro. Afinal, quando a ridicularização se converte em mecanismo de inferiorização, o humor deixa de ser apenas uma forma de expressão e passa a integrar as próprias relações de poder que organizam a vida social.

Palavras-chave: Ironia, Violência discursiva, Violência simbólica, Humor, Redes sociais digitais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica.** 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.